

## Capítulo I

Quem tivesse visto Catherine Morland em criança nunca poderia supor que nascera para heroína. A sua situação na vida, o caráter do pai e da mãe, a sua própria pessoa e temperamento, tudo estava contra ela. O seu pai era clérigo; mas por nunca se ter mostrado desmazelado ou pobre, todos o respeitavam, embora se chamasse Richard e nunca tivesse sido bonito. Possuía considerável independência, além de dois benefícios satisfatórios. Nunca tivera por costume cercar a liberdade das filhas. A sua mãe era uma mulher de bom senso prático, de bom gênio, e, o mais importante, de boa constituição física. Quando Catherine nasceu, ela já tivera três filhos; em vez de morrer ao dar à luz o último, como qualquer pessoa esperaria, continuou a viver — viveu para ter mais seis filhos, para os ver crescer à sua volta e ela própria gozar de excelente saúde. Uma família de dez filhos será sempre considerada uma bela família, sendo constituída por cabeças, braços e pernas em número suficiente. Porém, com os Morlands tal não acontecia, porque, em geral, eram muito feios e Catherine, durante grande parte da sua vida, fora tão feia como qualquer um deles. Era magra e malfeita, tinha a pele macilenta e pálida, o cabelo escuro e liso e as feições acentuadas de mais para a idade — tal era o seu aspeto. O seu espírito não tinha maior inclinação para o heroísmo. Gostava de todos os jogos de rapazes e preferia o críquete, não só às bonecas mas a todos os divertimentos mais heroicos próprios da infância — tratar de um arganaz, dar de comer a um canário ou regar uma roseira. Na verdade, não tinha gosto pelo jardim e se colhia algumas flores era apenas pelo prazer

de as estragar — pelo menos assim se deduzia do facto de preferir sempre aquelas em que estava proibida de mexer. Estas eram as suas inclinações; as suas habilidades eram igualmente extraordinárias. Nunca fora capaz de aprender ou compreender qualquer coisa a não ser depois de a mesma lhe ser ensinada; e por vezes nem assim, porque frequentemente se mostrava distraída e às vezes estúpida. A mãe passou três meses a ensiná-la a recitar a «Súplica do Mendigo» e, no fim de contas, a irmã seguinte, Sally, dizia-a melhor do que ela. Não que Catherine fosse sempre estúpida; de maneira alguma. Aprendeu a fábula «A Lebre e Muitos Amigos» tão depressa como qualquer rapariga em Inglaterra. A mãe queria que ela aprendesse música e Catherine tinha a certeza de que havia de gostar, porque sentia muito prazer em tocar nas teclas da velha espineta abandonada; por isso começou a aprender aos oito anos. Estudou durante um ano, mas contrariada; e a Sr.<sup>a</sup> Morland, como não insistia com as filhas para serem prendadas se não tivessem jeito nem gosto, deu licença a Catherine para pôr de parte a música. O dia em que despediram o professor foi dos mais felizes para Catherine. O gosto pelo desenho não era maior, apesar de, sempre que podia apanhar um sobrescrito da mãe ou qualquer outro bocão de papel, se esforçar por desenhar casas e árvores, galinhas e pintainhos, todos iguais uns aos outros. O pai ensinava-a a escrever e contar e a mãe o francês, mas o seu aproveitamento não era notável em qualquer matéria e fugia às lições sempre que podia. Que carácter tão estranho e inexplicável! Com todos estes sintomas de desregramento aos dez anos, não tinha, todavia, nem mau coração nem mau génio; raras vezes se mostrava teimosa, quase nunca desordeira, era muito boa para os mais pequenos e só raras vezes despótica com eles; era essencialmente barulhenta e impulsiva, odiava a prisão e o asseio, e do que mais gostava era de se rebolar pela encosta verde que havia atrás da casa.

Assim era Catherine Morland aos dez anos. Aos quinze, o aspecto começou a melhorar, frisava o cabelo e suspirava por bailes. A tez melhorara, as feições tinham-se suavizado e tomado cor, os olhos ganharam vida, e a sua figura produzia melhor impressão. A falta de limpeza deu lugar à inclinação para o aprumo e assim se tornou assada à medida que se tornava elegante. Por vezes era com alvoroço que ouvia o pai e a mãe falar da sua transformação: «A Catherine está

a fazer-se uma rapariga engraçada, quase bonita», eram palavras que ouvia de vez em quando (e que alegria lhe davam!). Ser *quase* bonita dá mais prazer a uma rapariga que foi feia durante os primeiros quinze anos da sua vida do que a outra que já o seja desde o berço.

A Sr.<sup>a</sup> Morland era uma boa mulher e queria que os seus filhos obtivessem os maiores êxitos, mas tinha o tempo tão ocupado com os partos e com o ensino dos mais pequenos, que as filhas mais velhas ficaram inevitavelmente abandonadas a si próprias. Por isso não era de admirar que Catherine, que, por natureza, nada tinha de heroica, aos catorze anos preferisse o críquete e o beisebol, montar a cavalo e correr pelos campos aos livros — pelo menos aos livros de estudo —, pois, se deles se não tirasse nenhum conhecimento útil e fossem de histórias e não de reflexão, não lhes punha quaisquer objeções. Mas dos quinze aos dezassete anos preparava-se para ser uma heroína. Lia todas as obras que as heroínas devem ler para enriquecer as suas memórias com aquelas citações que tanto auxílio e alívio prestam nas vicissitudes das suas vidas tão cheias de acontecimentos.

Com Pope aprendeu a censurar aqueles que

«ostentam o fingimento da dor»<sup>1</sup>.

Com Gray, que

«Muitas flores nascem para florir na sombra  
E espalhar o seu odor no ar deserto»<sup>2</sup>.

Com Thompson, que

«É uma tarefa deliciosa  
Ensinar a disparar a ideia nova»<sup>3</sup>.

E com Shakespeare adquiriu um grande manancial de conhecimentos, entre os quais que

— «Ninharias leves como o vento  
São, para os ciumentos, confirmações absolutas  
Como as provas da Sagrada Escritura»<sup>4</sup>.

Que

«O pobre escaravelho que pisamos  
Sofre uma dor corpórea tão grande  
Como quando um gigante morre»<sup>5</sup>.

E que uma donzela apaixonada se parece sempre

«Com a Paciência a sorrir à Dor,  
Num monumento»<sup>6</sup>.

Até então o seu aperfeiçoamento era suficiente, e desempenhava extremamente bem muitos trabalhos. Embora não soubesse escrever sonetos, começou a lê-los; ainda que não conseguisse remotamente entusiasmar os ouvintes com um prelúdio de piano-forte da sua autoria, era capaz de ouvir sem grande enfado as outras pessoas a tocar. A sua maior deficiência estava no desenho: não tinha dele a menor noção, nem sequer para fazer o esboço do perfil do seu amado, de forma que tivesse algumas semelhanças. Neste capítulo sentia-se absolutamente aquém do verdadeiro auge do heroísmo, mas então não se apercebia da falha, porque ainda não tinha namorado para desenhar. Chegara aos dezassete anos sem ter conhecido nenhum rapaz simpático que despertasse a sua sensibilidade, sem inspirar uma verdadeira paixão, e mesmo ter provocado qualquer admiração, por muito moderada ou passageira que fosse. Isto era sem dúvida estranho! Mas as coisas estranhas podem geralmente explicar-se, se a sua causa for bem averiguada. Não havia nenhum lorde na vizinhança; não — nem sequer um baronete. Entre as famílias conhecidas nenhuma tinha adotado e educado um rapaz encontrado por acaso à sua porta — nem um jovem de origem desconhecida. O pai não tinha nenhum pupilo e o fidalgo da paróquia não tinha filhos.

Mas quando uma rapariga quer ser heroína nem a maldade de quarenta famílias a pode impedir. Algo terá de acontecer, alguma coisa há de acontecer para que se cruze com um herói.

O Sr. Allen, que possuía a maior parte das propriedades de Fullerton, a aldeia de Wiltshire onde viviam os Morlands, foi aconselhado

a ir para Bath, a fim de tratar da gota. A esposa, uma senhora alegre e amiga da Menina Morland, sabendo que, quando as aventuras não acontecem a uma rapariga na sua terra, ela tem de as procurar fora, convidou-a a ir com eles. O casal Morland concordou de boa vontade e Catherine sentiu-se felicíssima.